



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

SABRINA VICTÓRIA OLIVEIRA LIMA DO NASCIMENTO

**AS APRENDIZAGENS HUMANIZADORAS EM “O PEQUENO
PRÍNCIPE”**

**GUARABIRA - PB
2018**

SABRINA VICTÓRIA OLIVEIRA LIMA DO NASCIMENTO

AS APRENDIZAGENS HUMANIZADORAS EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador (a): Profª. Drª. Rosângela Neres Araújo Da Silva.

**GUARABIRA – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244a Nascimento, Sabrina Victória Oliveira Lima do.
As aprendizagens humanizadoras em "O Pequeno Príncipe" [manuscrito] : / Sabrina Victoria Oliveira Lima do Nascimento. - 2018.
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura Infantil. 2. O Pequeno Príncipe. 3. Viagem Humanizadora.

21. ed. CDD 801.95


SABRINA VICTÓRIA OLIVEIRA LIMA DO NASCIMENTO


AS APRENDIZAGENS HUMANIZADORAS EM "O PEQUENO PRÍNCIPE"

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovado em 15/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Rosângela Neres Araújo da Silva - Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Primeiramente, dedico meu trabalho a Deus, pois foi por sua graça que consegui chegar até aqui. À minha família, de forma especial aos meus pais, minha irmã, esposo e filha por todo o incentivo e compreensão. E à minha orientadora, Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Senhor Deus, por ter me guiado e ajudado durante todo este percurso, por ter me consolado e enxugado minhas lágrimas, quando pensei que não iria conseguir chegar até aqui.

Meu muito obrigado aos meus pais, Severina dos Ramos Oliveira de Lima e Pedro Henrique de Lima, por me concederem o dom da vida, por todo o amor, compreensão e estímulos constantes. Sempre com muita simplicidade me ensinaram que através dos estudos posso quebrar paradigmas e ir além.

Ao meu esposo, Alleson, por todo amor e companheirismo, por acreditar na minha capacidade e sempre me encorajar a nunca desistir. À minha filha, Alice, a maior dádiva que possuo. Agradeço aos meus irmãos Samuel e Samara. Meus sinceros agradecimentos à Samara por cuidar tão bem da minha pequena Alice e me ajudar em tudo, és minha inspiração, minha melhor amiga...

À professora Rosângela Neres Araújo da Silva, pela orientação, pelo profissionalismo e dedicação a este trabalho. À senhora, o meu carinho e respeito.

À minha tia Glória, seu esposo Josil Carlos, meus primos Gabrielly, Grazielly e Gabriel, por todo encorajamento, por todo tempo que cuidaram da pequena Alice para que eu pudesse produzir este trabalho.

À todos meus professores, que compartilharam suas vivências e conhecimentos.

Aos amigos que, direta ou indiretamente torceram pela realização do meu sonho.

“Quando lia contos de fadas, eu imaginava que aquelas coisas nunca aconteciam, e agora cá estou no meio de uma!”

Alice (Lewis Carroll)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS.....	10
3 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS E AS FASES DA APRENDIZAGEM.....	16
4 “O PEQUENO PRÍNCIPE” E SUAS LIÇÕES: UMA VIAGEM HUMANIZADORA	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42

RESUMO

A presente pesquisa tem por finalidade analisar, de forma reflexiva, a viagem humanizadora em *O Pequeno Príncipe*, obra escrita por Antoine de Saint-Exupéry. Através de uma leitura crítico-analítica da obra, serão vistos os valores e as experiências vivenciadas pelo personagem e o objetivo de sua jornada. Partindo do contexto histórico da gênese da literatura infantil, mostramos a importância da narrativa para o crescimento cognoscitivo do jovem leitor, bem como a influência da obra infantojuvenil na construção do imaginário. Nesta perspectiva, embasamos nossa discussão nos conceitos dos autores: Cademartori (2006), Coelho (2000), Colomer (2017), Cunha (1999), dentre outros, que contribuem nos estudos da literatura infantil e juvenil. Buscou-se uma interpretação analítica do percurso feito pelo pequeno príncipe, evidenciando suas lições e a viagem humanizadora feita pelo personagem.

Palavras-chave: Literatura Infantil. O Pequeno Príncipe. Viagem Humanizadora.

1 INTRODUÇÃO

Quando dialogamos com as literaturas infantil e juvenil, é preciso pensar que antes de tudo, ela é literatura e, conseqüentemente, por ser literatura é arte. E como arte pode expressar e denunciar a realidade do mundo em que vivemos através das palavras.

Assim como a sociedade, a literatura sofre constantes modificações, sejam elas nos valores e ideologias vigentes, como, nas mudanças políticas, culturais e intelectuais que influenciam tanto a recepção quanto à produção da arte literária. Por isso, Coelho (2000), afirma que a literatura infantil está intimamente ligada aos processos socioculturais, e tem por objetivo proporcionar experiências para os leitores mirins.

A literatura infantil vista como arte é repleta de significados e possibilidades, por este motivo é inviável tratá-la como uma área engessada e com apenas uma única interpretação e/ou com valores prefixados, ou enquanto pais, educadores, professores a trabalharmos para o ensino da gramática sem darmos tanta importância para sua ampla carga de significados. “Trabalhamos com a literatura do mesmo modo que com a Matemática, ou a Geografia: não distinguindo objetivos diferentes, não usamos estratégias diferentes [...]” (CUNHA. 1999. p. 52).

Neste segmento, essa pesquisa tem por objetivo analisar de forma qualitativa as aprendizagens humanizadoras contidas na obra “O Pequeno Príncipe”, escrita por Antoine de Saint-Exupéry. Propõe-se ainda fazer um percurso histórico desde a construção dos primeiros textos da literatura infantil até suas características modernas aqui no Brasil, como também identificar e caracterizar os principais aspectos para a construção de uma narrativa endereçada aos pequenos leitores.

Nos apoiamos nas colaborações técnico-críticas dos autores: Cademartori (2006), Coelho (2000), Colomer (2017), Cunha (1999), dentre outros que trazem contribuição e dialogam com a literatura infantil e juvenil.

Esta monografia encontra-se dividida nas seguintes partes: no primeiro capítulo nomeado de “Literatura infantil e juvenil: origens e características”, verificamos primeiramente a gênese da literatura infantil, as contribuições trazidas ao gênero pelo escritor Monteiro Lobato, com também as principais diferenças da literatura infantil criada na Idade Média para a literatura infantil na atualidade.

No segundo capítulo nomeado “As narrativas para crianças e jovens e as fases da aprendizagem”, verificamos as principais características para a construção de um texto infantil e a importância das fases da aprendizagem para a melhor apreensão do texto.

No terceiro intitulado “O Pequeno Príncipe e suas lições: uma viagem humanizadora”, apresentamos nossa análise reflexiva sobre livro “O Pequeno Príncipe”, e sua jornada para encontrar o sentido da existência.

Ainda como conclusão, temos nossas considerações finais com a exposição do que foi apresentado no trabalho, os resultados alcançados com a nossa pesquisa e, por fim, as referências utilizadas, que contemplam os teóricos consultados em nosso trabalho.

2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS

Datar com precisão as origens da Literatura em sua totalidade não é uma tarefa fácil, visto que é possível encontrar evidências da sua existência desde os primórdios da humanidade.

O ser humano tem como condição básica, expressar determinada experiência, observando e compreendendo o espaço em que está inserido, bem como os objetos e os seres que tem contato em seu cotidiano, tomando como exemplo desses registros as pinturas rupestres feitas nos tempos mais remotos da humanidade. Quando observamos o percurso das culturas e das formas em que elas foram passadas de geração para geração, vemos que a literatura exerce o papel principal dessa transmissão, seja ela oral ou escrita.

Desde que a inteligência humana teve condições para organizar, em conjunto coerente, as formas e situações enfrentadas pelos homens em seu dia a dia, estes foram impelidos a registrar, em algo durável, aquelas experiências fugazes. A descoberta da arte das cavernas, de há 12 ou 15 mil anos, feita pelos arqueólogos, mostra, de maneira inequívoca, esse impulso essencial que leva o homem a expressar através de uma forma (realista ou alegórica) suas experiências de vida. (COELHO, 2000, p.16).

Já quando se menciona a gênese da produção literária voltada para o público infantil e juvenil, é possível datar seu surgimento a partir do século XVII com as adaptações de Charles Perrault. "No século XVII, o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho), coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil." (CADEMARTORI, 2006, p.33).

Os textos da literatura infantil, inicialmente, não eram destinados às crianças. De acordo com Coelho (2000), as primeiras narrativas da literatura infanto-juvenil surgiram das adaptações dos textos escritos para adultos. Essas adaptações foram feitas com uma linguagem mais adequada à infância, de fácil compreensão, focando principalmente nos acontecimentos de caráter exemplar e eram deixadas de fora situações impróprias para o público infantil.

O trabalho realizado por Charles Perrault, considerado o pioneiro da literatura infantil e juvenil, é de um adaptador, pois ele realizou um apanhado das narrativas

folclóricas, contadas principalmente entre os camponeses, narrativas essas que eram passadas oralmente de geração para geração.

Após o apanhado de contos feitos por Perrault, outros levantamentos de narrativas pertencentes à tradição oral foram produzidos por outros autores no século XIX, a este respeito, Cademartori (2006) declara:

No século XIX, outra coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (*João e Maria, Rapunzel*), alargando a antologia dos contos de fadas. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (*O patinho feio, Os trajes do imperador*), o italiano Collodi (*Pinóquio*), o inglês Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas*), o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*), o escocês James Barrie (*Peter Pan*) constituem-se em padrões de literatura infantil. (CADEMARTORI, 2006, p.33).

Perrault realizou a coleta de contos populares que até então pertenciam apenas à oralidade e adapta-os para o público infantil, dá aos contos uma nova roupagem. As narrativas orais eram diferentes dos contos de fadas recontados que conhecemos. As principais questões que envolvem a obra de Perrault relacionam-se aos pontos fundamentais da literatura infantil como a relação com o popular, princípios moralizantes e o cuidado com o didático por se tratar de uma literatura de cunho pedagógico.

Segundo Cademartori (2006), uma das principais características presentes na obra de Perrault é a reviravolta que acontece na história, suas personagens no início da narrativa estão em um estado de condições precárias e ao desenrolar do conto transformam-se e tem um final glorioso. Essas características estavam presentes na maior parte das narrativas orais, o que é um reflexo das complicações e das resoluções dos problemas almejadas pelo povo.

Apesar dos contos provirem do povo, Perrault adapta-os para corresponder as características da burguesia, já que os contos eram endereçados a esta classe, estava relacionado as suas exigências e aos padrões pedagógicos e moralizantes da época, além disso, concentram aspectos que representam o gosto burguês, tais como: referências à corte, à moda da época e ao mobiliário, “[...]referências à vida na corte, como em *A bela adormecida*; à moda feminina, em *Cinderela*; ao mobiliário, em *O barba Azul*.” (CADEMARTORI, 2006, p.36).

No Brasil a literatura infantil se inicia com Monteiro Lobato. O autor privilegia a cultura brasileira, cria uma literatura, diferente de Perrault que adapta. O autor traz

uma literatura infantil em uma nova roupagem, evidenciando nas suas obras a cultura nacional, rompendo os padrões preexistentes do gênero infanto-juvenil. Um exemplo disso é o *Sítio do Picapau Amarelo*, onde evidencia o ambiente rural tão presente na cultura brasileira.

O Brasil sofreu durante toda sua história varias influências estrangeiras, sejam elas advindas de Portugal com a colonização como a francesa, inglesa entre outras, essas culturas influenciaram não só nossa formação cultural mais também a literatura. A nossa cultura nativa, traz os costumes e as crenças indígenas, tradição que foi esquecida por muito tempo pelo escrito brasileiro.

O escritor brasileiro, formado pelo pensamento europeu, via seu país de fora, sua terra lhe era tão estranha quanto aos professores estrangeiros, que no século passado, difundiam nas grandes fazendas de café, nas casas-grandes do Nordeste e em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, a cultura europeia que se constituía na ilustração dos cidadãos brasileiros. (CADEMARTORI, 2006, p.45).

Nossos intelectuais, apesar de residirem no Brasil, estavam com as mentes ligadas nas estéticas e nos moldes europeus, com isso pode-se afirmar que existiam dois tipos de cultura no Brasil uma estrangeira apropriada pela elite e outra nativa inerente do povo. Monteiro Lobato mostra pela literatura e, em particular na literatura infantil com *O Sítio do Picapau Amarelo*, a proposta de conciliação das duas culturas, evidencia a cultura nativa do país, mas não nega as contribuições trazidas pela cultura estrangeira.

O autor Monteiro Lobato trata a cultura nativa brasileira como natural e não como algo fora do comum, contempla em sua escrita um caráter de denuncia social, com isso liga às questões sociais à literatura e a literatura infantil um exemplo disso é a criação do personagem *Jeca Tatu*.

Para Lobato, o nacional deixa de ser pitoresco para ganhar tipificação humana em Jeca Tatu, personagem polêmica, causadora de inúmeras discussões, na medida em que contrapunha ao ufanismo da paisagem exuberante na qual se havia enxertado o indígena belo e cavalheiresco, a subnutrição de um tipo que, de cócoras, não espera nem produz nada em sua vida vegetativa. Jeca tatu passa a personificar a estagnação, o marasmo, a precariedade da vida nacional; a aceitação passiva das arbitrariedades do poder; o comodismo que prefere tudo perder antes de esforçar-se em uma tomada de posição. (CADEMARTORI, 2006, p.47).

Lobato é um escritor que repudia o acolhimento negligente e passivo dos modismos europeus, pois condena a imitação. Monteiro Lobato é considerado um visionário “Monteiro Lobato é a nossa vanguarda, antes de essa palavra ganhar conotações que a marcaram a partir de 1922. Vanguarda que não seguia nenhum programa já estabelecido, caracterizando-se pelo risco da inovação, da aventura da descoberta pessoal.” (CADEMARTORI, 2006, p.47).

A literatura infantil criada por Lobato é voltada para o social, a obra instiga a interpretação e a discursão de valores preestabelecidos, foge da moralidade explícita tão presente na literatura infantil. Sua obra tem a capacidade de mudar os limites de compreensão do mundo é uma maneira eficaz de mudar a percepção do leitor sobre o ambiente que o rodeia, apresentando-o um mundo que não é uma mera imitação do real.

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista. (CADEMARTORI, 2006, p.47).

As personagens contidas na obra de Lobato têm como característica principal a esperteza, é através delas que o conhecimento é passado para o leitor, como por exemplo a personagem Emília. O moralismo tradicional é dissolvido por toda a obra, a moral não é uma verdade absoluta mas, parte do individual para o todo, assim, estimula a criticidade do leitor.

Falamos sobre as origens da literatura infantil e juvenil na Europa e no Brasil, agora com base nas leituras de Coelho (2000) faremos uma comparação entre as características da literatura infantil tradicional (Charles Perrault) e a literatura infantil contemporânea (Monteiro Lobato).

Na literatura infantil tradicional, se faz presente a individualidade. Todos os aspectos da sociedade tradicional parte do indivíduo, isso reflete na literatura infantil com os grandes heróis, invencíveis e corajosos. Como também a obediência cega sem questionamentos aos valores e aos padrões da época, pode-se observar que nos contos maravilhosos a moralidade é indiscutível a rigidez quanto aos limites entre o certo/errado.

A tradição impõe o moralismo dogmático imposto pelo caráter religioso do castigo ao pecado e o prêmio aos que se submetem a seguir as regras, observamos isso quanto ao prêmio ou castigo recebidos pelas personagens. O racismo marca a sociedade tradicional a separação de brancos e negros reflete na literatura para crianças trazendo uma situação social preconceituosa concreta.

Um dos pontos mais divergentes entre a tradição da literatura infantojuvenil e a Contemporânea é de como a criança é vista. Na tradição, a criança é tratada como uma miniatura do adulto, a fase da infância é considerada imaturidade. A maturidade só seria alcançada após um longo estágio de aprendizagem para que assim, a criança evoluísse até o universo adulto. A literatura apresenta um papel indispensável no desenvolvimento linguístico e intelectual do indivíduo, sendo fundamental para a formação do leitor proficiente.

Já a literatura para crianças na contemporaneidade, busca quebrar os padrões tradicionais, apresentando novos valores, que estão presentes no mundo contemporâneo. A exemplo do espírito solidário contrapondo o individualismo da tradição, consisti na concepção que o indivíduo é parte de um todo, na literatura infantil é a substituição do herói individual para um grupo, todos são responsáveis por suas ações.

Parte-se para o questionamento da autoridade como verdade e/ou poder absoluto, ver-se na literatura infantil múltiplas interpretações, "várias verdades". A moral é vista como responsabilidade do *eu* que procura agir de maneira correta e consciente tendo em vista os direitos do *outro*. A *redescoberta do passado* na literatura para crianças tem aparecido na revalorização do negro do indígena como as raízes do povo brasileiro.

Contrapondo a moral religiosa está a valorização da fantasia, da intuição, da magia, que na literatura infantil permite eliminar os limites entre a realidade e o imaginário. Na literatura para crianças, o respeito as várias culturas e etnias está presente quando a narrativa põe personagens brancos e negros em comum igualdade, como também é abordado o próprio tema do racismo vindo como uma das maiores injustiças sociais.

Na contemporaneidade, a criança é vista como um ser em formação, que o potencial deve ser desenvolvido naturalmente em liberdade, sendo orientado no intuito de alcançar a plenitude e realizações em sua jornada.

3 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS E AS FASES DA APRENDIZAGEM

Como mencionamos no capítulo anterior, os grandes clássicos da literatura infantil e juvenil que conhecemos se caracterizam pelo elemento maravilhoso a lenda, o mito... originaram-se da tradição oral enraizada no meio popular. Com isso podemos afirmar que, antes de se consolidar como literatura direcionada ao público infantil, pertenciam à literatura popular.

As adaptações feitas por Charles Perrault se tornaram o marco inaugural da literatura infantil, e em todas as narrativas existia um cunho pedagógico, ou seja, eram todas voltadas para o público infantil com a intenção de passar os padrões e valores da época, tendo em vista que o trabalho feito por Perrault estava relacionado às exigências da burguesia.

Essas afirmações levam-nos a um questionamento: quais as semelhanças e as proximidades entre o infantil e o popular (criança/povo), por quais motivos essa transformação acontecesse? Como resposta para essa indagação vejamos o que a autora Cademartori (2006) diz sobre esses questionamentos.

Na base do trabalho de adaptação, está o conceito de que a ingenuidade da mentalidade popular identifica-se com a ingenuidade da mentalidade infantil. A vocação pedagógica de Perrault é secundária e confusa. Delineia-se com mais propriedade sua relação com o popular, apesar de esta ser, também, contraditória. Mesmo sem total adesão – o que, de fato, não poderia ocorrer, pois a classe a que Perrault pertencia vivia uma inconsciência em relação ao que era realmente popular – ele realizou o que se pode chamar de uma recuperação da cultura popular, procurando reconstituir os procedimentos narrativos da maneira mais fiel possível.

[...]

Talvez nesse momento tenha sido inaugurada a confusão que fortaleceu os laços entre literatura popular e literatura infantil e que tem por base a aproximação de duas ignorâncias: a do povo, devido à condição social, e a da infância, devido à idade. (CADEMARTORI, 2006, p.39).

As atividades mentais infantis e populares igualam-se entre si por um conhecimento primário na assimilação do “eu” interior ou do mundo que o rodeia. Quer dizer que, no povo e na criança o conhecimento pessoal e da realidade acontece por meio da intuição, do impulso, do emotivo... O oposto do que acontece na mentalidade adulta e culta, esta raciocina de forma lógica e racional. Por esse motivo o infantil e o popular simpatizam pela mesma realidade.

A literatura infantil e juvenil difere da literatura em geral. Produzir literatura para o público mirim não é uma tarefa fácil, vejamos alguns critérios utilizados para a construção do texto infantil.

Tomando como primeira característica, o movimento da narrativa é uma peculiaridade indispensável para a literatura endereçada às crianças. "A narrativa para crianças não dispensa o dramatismo, a movimentação (...) a todo momento apareçam fatos novos e interessantes, cheios de peripécias e situações imprevistas, movimentando-se assim o espírito infantil." (CADEMARTORI, 2006. p. 97)

Observamos, todavia, que não é necessário apenas o movimento físico. Os diálogos e as ações exercidas pelas personagens prendem a atenção do leitor infantil, além de criar uma história dinâmica e proativa. Outro ponto que é válido ressaltar que, devemos evitar a descrições prolongadas, a narrativa deve ser rápida e ter movimento, as descrições longas interrompem o dinamismo da narrativa, além de dispersar a atenção do pequeno leitor.

A forma com que o autor constrói o discurso, os diálogos, na literatura infantil é tão importante quanto à maneira com que ele compõe as personagens, a quantidade, como aparecem na história, os conflitos entre elas, seus anseios, pois elas ajudam a garantir a identificação do leitor com suas características aproximando-o ainda mais da história narrada. As personagens utilizadas frequentemente na narrativa para crianças se caracterizam por não ter grandes complicações. São nomeadas pela teoria literária de personagens planas.

A narrativa para crianças desenvolve-se de forma distinta da narrativa direcionada aos adultos. A forma com que uma novela ou um romance é escrito e os diversos processos e técnicas utilizadas em sua composição, quase sempre não poderão ser aplicados em uma obra infantil, pois, pode tornar a narrativa insociável à criança. Por isso, é relevante que a narrativa aconteça de forma linear, ou seja, seguindo uma ordem começo, meio e fim; desta forma o tempo é cronológico, sem *flashbacks*, sem volta ao passado, sem recortes, "nem fluxos de consciência" ou acontecimentos paralelos (características do tempo psicológico). As formas narrativas apropriadas à criança constituem os contos, as fábulas, entre outros.

Acreditamos que a tristeza e/ou a melancolia não deveriam ser trabalhadas no pensamento infantil. Sabemos que habitualmente a criança identifica-se com a história que lê, com seus personagens, o espaço, o final triste não seria o mais indicado, mas se houver que seja de forma moderada. Para isso afirma Cunha (1999):

Essa necessidade do desenlace agradável parece ser um dado cultural: sabe-se que na França não há grande preocupação com esse aspecto, e muitas são as histórias que acabam mal. Pessoalmente, não vemos a vantagem do cultivo da infelicidade. E se o livro é um entretenimento, o gosto pelo fim sombrio não será pouco saudável? Não queremos dizer que o final deva ser sempre a mais absoluta felicidade: em *Platero e Eu*, o burrinho morre, mas seu dono encontra uma forma alegre de viver. Tistu, o menino do dedo verde, também não fica com seus pais, mas arranja um modo de não magoá-los. (CUNHA, 1999. p. 99).

É fundamental que as obras de literatura infantil sejam produzidas com um capricho e cuidado especial pelo escritor, seguindo critérios básicos para a construção do texto infantil com foi afirmado anteriormente é importante que: haja movimento na narrativa (ação); evitar as descrições prolongadas; ter uma linguagem adequada para que o leitor mirim compreenda com clareza a narrativa; ter a presença de diálogos, pois trazem movimento e realismo a obra; as personagens devem ser planas (humanos ou simbólicos); narrativa linear (começo/ meio/ fim); à coerência e organicidade entre os elementos da narrativa; tempo cronológico; desfecho feliz; argumentos que estimulem a emoção, a inteligência.

Para que a criança tenha intimidade com o universo livresco e o contato com os livros resulte em experiências prazerosas e divertidas, são inúmeros fatores a serem considerados. As características mencionadas acima são alguns exemplos deles.

Outro fator e um dos mais importantes, está na necessidade de adequar os textos às várias fases do desenvolvimento infantil e juvenil. Essa adequação refere-se na maioria das vezes ao texto narrativo, segundo Cunha 1999, "Sabe-se pela Psicologia que a criança passa por uma série de transformações, desde que nasce até entrar na adolescência, transformações essas que estabelecem fases de sua evolução".

No âmbito da literatura infantil, levamos em consideração três etapas do desenvolvimento infantil como se refere Cunha 1999, p. 99 "(...) a do mito, a do conhecimento da realidade e a do pensamento racional". É essencial ressaltar que essa evolução seja diferente de criança para criança. A fase do *mito*, *do conhecimento da realidade* e *a do pensamento racional* apresentam limites puramente teóricos quanto à faixa etária determinada.

Sabemos que, cada criança, pré-adolescente ou adolescente possui suas próprias limitações. Seu desenvolvimento está relacionado no meio em que está

inserido, nos conhecimentos que possuem, enfim, sua evolução é definida pelos mais variados e distintos fatores.

Apesar de que cada criança se desenvolve em seu tempo, todas passarão em algum momento pelas fases acima mencionadas, por isso conhecer essas fases do desenvolvimento infantil, implica conhecer a criança, suas experiências, suas histórias, seus conhecimentos prévios e as relações que ela tem com o livro.

Embora a evolução biopsíquica das crianças, pré-adolescentes e adolescentes divirja de uns para outros (dependendo dos muitos fatores que se conjugam no processo de desenvolvimento individual), a natureza e a sequência de cada estágio são iguais para todos, conforme prova a psicologia experimental. Assim, a inclusão do leitor em determinada "categoria" depende não apenas de sua faixa etária, mas principalmente da inter-relação entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/ domínio do mecanismo da leitura. Daí que as indicações de livros para determinadas "faixas etárias" sejam sempre *aproximativas*. (COELHO, 2000 p. 32)

Por este motivo, os limites e características de cada fase a seguir apresentadas, devem ser tomadas como parâmetros. Na *fase do mito* estão às crianças entre 3/4 à 7/8 anos. Nesta fase à construção da imaginação, prevalece o fantástico, a fantasia, o animismo, para elas os animais, plantas, objetos inanimados possuem essência, alma e reações humanas. Assim não há para elas distinção entre a fantasia e a realidade.

A fase do *mito* é a fase da aprendizagem da leitura, a criança já consegue identificar os signos do alfabeto e compreende a construção das sílabas. A leitura a ser explorada nesta fase é a literatura de maravilhas, nesta literatura não há distinção entre o real e o imaginário, respectivamente como a criança desta fase. As lendas, contos de fadas, fábulas e os mitos adequam-se perfeitamente a essa fase. Nelly Novaz Coelho, no texto "A literatura infantil e seus caminhos" remete a criança que está passando pela fase do mito como "leitor iniciante" e cita várias obras endereçadas a esta faixa etária.

Livros para o leitor iniciante Coleção "Gato e Rato", de Mary e Eliardo França (Ática); Coleção "Girassol" (Moderna); Série "Um Dois Feijão com Arroz", de Tenê (Ática); Série "Lagarta Pintada", (Ática); Coleção "Escadinha", de Lúcia Góes/ Naomy Kuroda (Ed. Do Brasil); Coleção "Primeiras Histórias" (FDT); Série "Pega-Pega", "Coleção Didática/ Série Descobrimdo" e Coleção "Cavalo-Marinho" (Paulinas); Coleção "Mico Maneco 2", de Ana Maria Machado (Salamandra); Série "Jogos Linguísticos" (Moderna); Série "Onda Livre" (Global); Coleção "Mindinho e seu Vizinho" (Atual); Coleção "Marc

Brown/ Mundo de Arthur" (Salamandra); Coleção "Derek Matthews" (Brinquibook); Coleção "Beto e Bia (José Olympio); "Histórias ao pé da letra", de Hebe Coimbra (Formato); Série "Mané Coelho", de Mary/ Eliardo França (Ediouro). (COELHO, 2000. p. 36).

A segunda fase é caracterizada pelo *conhecimento da realidade*, encontram-se as crianças de 7/8 a 11/12 anos, a criança passa de um leitor passivo para ativo, nesta fase a ação é indispensável, a criança para de apenas observar e contemplar como acontecia na fase anterior. Nesta fase a criança domina facilmente as engrenagens da leitura. Está a todo o momento fazendo questionamentos, se interessa pelo conhecimento das coisas a sua volta. É nesta fase que se dá a consolidação da compreensão da realidade contada no livro (COELHO, 2000)

É a partir desta idade que a criança começa a ter interesse pelo pensamento lógico e científico, a experiência do homem, do conhecimento e da ciência. A literatura que mais se adequa a esta fase é o romance de aventura. A criança nessa fase prestigia o empenho pessoal, a dedicação do herói para combater o vilão e vencer os obstáculos. Além dos romances de aventuras se interessam também por relatos históricos, mitológicos, os heroicos, as histórias universais, nacionais e regionais, literatura espacial entre outros. A autora Nelly Coelho aponta livros que adequam a essa fase.

Livros para o leitor fluente Séries "Vivências", "Suspense" e "Ficção Científica" (Melhoramento); "Coleção Girassol" e "Coleção Veredas" (Moderna); "Série Vagalume" (Ática); "Coleção Nossa Gente" (FDT); "Coleção Passe Livre" (Ed. Nacional); "Coleção Segundas Histórias" (FTD); "Coleção Tirando de Letra" (Atual); "Dias Bordados/ Memórias do Brasil" (Salamandra); "Coleção Jovens do Mundo Todo" (Brasiliense); "Coleção Jabuti" (Saraiva); "Tranças e Tramas" (Atual); Série "Histórias e mais Histórias – Girassol" (Moderna); Bartolomeu Campos Queirós, *Faca Afada*; Vivina de Assis Viana, *Será que ele vem?*; Giselda Laporta Nicoletis, *Um Dono Para Buscapé*; Wagner Costa, *Ai, Né... e E Depois*; Ângela Lago, *Ano novo danado de bom!*; "Contos de Mitologia" (FTD); *Entre a espada e a rosa*, de Mariana Colasanti (Salamandra); *O Sofá Estampado*, de Lygia Bojunga (José Olympio); "A Turma do Gordo", de João Carlos Marinho (Global); "Contos e Lendas do Japão", de Lúcia Hiratsuka (Estação Liberdade). (COELHO, 2000. p. 39).

A terceira fase é a do *pensamento racional* (de 11/12 anos até a adolescência). É caracterizada principalmente pelo caráter social; diferente do egocentrismo que é presente na primeira fase, agora a criança preocupa-se com o "eu" em relação com os "outros". É a partir desta fase que a criança passa a

compreender os princípios abstratos. As questões de gênero começam a existir (a preocupação com a sexualidade), há grande relevância sobre as questões pessoais, questões que ganham proporções exageradas, por isso o encanto por romances de forma geral tanto por suas temáticas, quanto pelas características atribuídas aos heróis.

A fase do pensamento racional é caracterizada por Coelho (2000) como a fase do *leitor crítico*. É a fase que a criança possui o total domínio do mecanismo da leitura, da escrita e é capaz de refletir, pensar com maior criticidade, tem uma interpretação mais aprofundada do texto e da visão de mundo ali retratada. É a fase de evolução do pensamento crítico e reflexivo; focados na leitura da realidade, do mundo que a cerca. Vejamos abaixo obras que Coelho seleciona como adequadas para esta terceira fase.

Livros para o leitor crítico "Coleção Jovens do mundo Todo" (Brasiliense); "Série Literatura Juvenil", "Coleção Travessias" e "Série 7 faces" (Moderna); "Série Morena", "Série entre Linhas e Letras" e "Série Tirando de Letra" (Atual); "Série Trans-Ação" (Melhoramentos); "Série Vaga-lume" (Ática); "Coleção Polêmica" (Moderna); "Coleção Jabuti" (Saraiva); "Coleção Reconstruir" (Formato); "Coleção Vertentes" (Quinteto Editorial); "Coleção Por Dentro das Artes" (Companhia das Letrinhas); "Coleção Assim é se lhe parece" (Ediouro). (COELHO, 2000. p. 40)

Contudo o essencial de verdade é proporcionar que crianças e jovens estejam em proximidade e comunicação com os mais variados tipos de obras literárias e compreendam a importância da leitura. E com isso façam suas escolhas de que obra ler, compreendendo que ler é uma prática social.

Por isso, enquanto educadores, pais, devemos incentivar nossas crianças a se aventurar na leitura. Se interrogarmos algum professor, supervisor de ensino, pai entre outros, sobre a importância de proporcionar aos seus alunos e/ou filhos o contato com os livros, a maioria deles responderia: desejamos desenvolver o hábito de leitura; por outra forma, queremos que os pequenos levem a leitura para sua vida adulta com forma de dignificação.

Vimos que, conferimos à palavra escrita a maior responsabilidade na formação da compreensão de mundo (da realidade) de nossas crianças e jovens. Para isso afirma a autora Coelho (2000. p. 15) "Estamos com aqueles que dizem: Sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/ texto estimulado pela escola."

Devemos enxergar a literatura, em especial a literatura infantil como o agente ideal para proporcionar às nossas crianças a formação de uma mentalidade crítica que precisa ser cultivada.

A literatura infantil com o passar do tempo vem se atualizando às mudanças sociais, aos valores deste século. A literatura, sobretudo a literatura infantil é uma forma inquestionável de arte, e como arte reflete ela auxilia no modo de vermos o mundo. Segundo Colomer (2017), as maiores mudanças que aconteceram na literatura infantil e juvenil se deram a partir de 1960, conseqüentemente mudanças estas que aconteceram em todo cenário mundial.

A década de 1960 foi uma etapa de desenvolvimento econômico e cultural das sociedades ocidentais que as converteu em sociedades pós-industriais. Nelas surgiu uma visão do mundo e da infância que gerava e requeria, ao mesmo tempo, formas distintas de educar os cidadãos. A literatura infantil e juvenil iniciou um novo caminho para adequar sua proposta literária e educativa aos leitores nascidos no seio dessas novas sociedades que a levaram a terrenos não conhecidos anteriormente. Assim, o grau de experimentação foi muito elevado nas décadas de setenta e oitenta e permitiu um salto de modernização decisivo para que esta literatura se adequasse aos leitores infantis e adolescentes de nosso tempo. (COLOMER, 20017. p.189)

Ao longo deste período, os valores transmitidos pelas obras mudaram de acordo com os novos valores impostos pela sociedade pós-industrial; a realidade descrita nas obras, ou seja, o mundo que refletia nos livros foi atualizado para equiparar-se às alterações sociológicas e com os novos conceitos e inquietações sociais; a multiculturalidade, os diferentes sistemas culturais, e as diferentes formas de arte também influenciaram a literatura infantil e juvenil.

A totalidade dessas mudanças, pois, especificam uma nova etapa na literatura destinada a crianças e adolescentes, uma nova forma global de produzir esta literatura é iniciada a partir dos anos de 1970, podemos afirmar então que esta encontra-se em constante evolução, pois reflete os anseios e conflitos da sociedade atual.

4 “O PEQUENO PRÍNCIPE” E SUAS LIÇÕES: UMA VIAGEM HUMANIZADORA

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

(Antoine de Saint Exupéry)

Antoine Jean-Baptiste Marie Roger Foscolombe, conde de Saint-Exupéry, mas conhecido como Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) foi piloto francês, ilustrador e escritor. Escreveu “O Pequeno Príncipe” em 1943. Dentre suas frases célebres está: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos”.

Antoine de Saint-Exupéry é natural de Lyon, terceira maior cidade da França, nasceu no dia 29 de julho de 1900. Filho do conde de Saint Exupéry e da condessa Marie Foscolombe. Estudou no colégio jesuíta Notre Dame de Saint Croix e no colégio dos maristas, em Friburgo, Suíça. Em abril de 1921, começou a serviço militar no Regimento de Aviação de Estrasburgo, pois posteriormente tinha sido reprovado para Escola Naval. Formou-se como piloto civil e subtenente da reserva. Em 1926 ingressou na Aéropostale, começou sua carreira voando entre Toulouse, Casablanca e Dacar. Era piloto de linha.

Como escritor Antoine Saint-Exupéry, escreveu para revistas francesas e jornais. Deixava claro em suas obras a admiração pela mecânica, por elementos de aviação, pela guerra... Publicou “O Aviador” (1926), “Voo Noturno” (1931), “Terra dos Homens” (1939), “Carta a um Refém” (1944). Seu livro mais conhecido foi “O Pequeno Príncipe”, escrito em 1943. Antoine Saint-Exupéry desapareceu durante uma missão de reconhecimento, em 1944. Seu corpo nunca foi encontrado.

Publicado por Antoine, um ano antes de sua morte “Le Petit Prince”, foi traduzido para português como “O Pequeno Príncipe” e é considerado um clássico da literatura universal. Foi escrito e ilustrado por Antoine de Saint-Exupéry durante a segunda grande guerra, “O Pequeno Príncipe” pode refletir-se como produto da vivência de um quadro histórico, o da Segunda Guerra Mundial, como também a feição de um participante e testemunha de tal momento, já que Antoine era piloto de guerra.

Com isso, muitos dos valores que se inferem na história estão intimamente atados com as necessidades de um ser humano que vivenciava o conflito e o expôs em suas obras, uma ótica da realidade que o rodeava. Mas “O Pequeno Príncipe” rompeu com sua época e com o tempo por seu caráter filosófico, atemporal, fabuloso

e fantástico. Em virtude das numerosas interpretações e traduções também lhe proporcionam um caráter universal.

Embora tratem muitas vezes “O Pequeno Príncipe” como um livro infantil e colorido, ele vai muito além, é uma obra poética repleta de mensagens sobre o verdadeiro sentido da vida: amor, amizade. Além de gerar reflexões sobre a transitoriedade dos seres e a morte. Com isso, o lado doloroso da existência (vida) não está ausente na obra prima de Antoine, “O Pequeno Príncipe” fala abertamente sobre a solidão, tristeza, lágrimas e separações. Por falar nisso, o narrador adverte: “Não gosto que leiam meu livro superficialmente. Dá-me tanta tristeza narrar essas lembranças”. (p.23).

Por tratar-se de uma obra atemporal, “O Pequeno Príncipe” traz reflexões que até então não eram trazidas à infância. Segundo Colomer (2015):

A mudança de valores supôs também ir além do considerado habitualmente “para crianças”, incorporando temas não tratados até então na literatura infantil e juvenil. Considerou-se que os meninos e meninas deviam ser educados na complexidade da vida e já não se postulou a existência de um caminho pré-fixado de normas para resolver problemas claramente graduados desde a infância até a adolescência. Constatou-se também que a televisão anulava as fronteiras entre o que podia parecer próprio para as crianças e o que parecia ser próprio para os adultos, ao que se somaram rapidamente a extensão dos meios audiovisuais e, recentemente, da ficção digital, amplamente consumidos pelos menores. Os autores dos livros infantis abordaram então todos os temas tradicionalmente silenciados pelos adultos para salvar a mitificação da inocência infantil. (COLOMER, 2015. p.192-193)

Mas o autor não detém seu foco unicamente a retratar um mundo triste e sem esperança, ao invés disso, o piloto-narrador conta suas experiências, com o objetivo de passar uma reflexão sobre sua vida e por que vale a pena viver. “O Pequeno Príncipe” não se trata de uma obra que prega conceitos morais que possui conclusões prontas, ao contrário, é constituído pelo mote da efemeridade da vida, apresenta como proposta a compreensão dos verdadeiros valores humanos.

“O Pequeno Príncipe” é a criança que viaja por vários planetas e cativa-se na Terra; aqui aprende a discernir princípios humanistas daqueles que são passageiros e supérfluos. Sob a alegação de ter discutido com sua rosa, o príncipezinho vai em busca de novas experiências, novas descobertas “outros mundos”. Com a viagem percebe que a vida é efêmera e a morte, inevitável, compreende também que é essencial achar um “sentido para a vida”. Isso se torna possível ao superar-se, aceitando o sacrifício, que o permitirá amar sendo responsável, respeitando as

diferenças e, por fim, desapegar-se na matéria (casca). Encerra-se a viagem com o regresso ao lar.

Antes de adentrar na viagem de “O Pequeno Príncipe”, nos deparamos com os capítulos I ao V em que o narrador transparece um pouco de si. No capítulo I o narrador expõe lembranças da incompreensão das “pessoas grandes” sobre seu desenho de uma Jiboia engolindo um elefante, as pessoas adultas enxergam apenas um “chapéu”, pois era o que estava visível. O capítulo I termina com a comprovação da separação entre a criança interior, que enxerga o invisível (o elefante aprisionado, sendo digerido no interior da jiboia) e o adulto “pessoa grande” que precisa de definições ou explicações.

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu sonho lhes dava medo. Responderam-me “Por que um chapéu daria medo?” Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem entender melhor. Elas têm sempre necessidade de explicações detalhadas. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 09)

No capítulo II o leitor depara-se com o príncipezinho que surge inesperadamente pedindo o desenho de um carneiro, e o piloto não hesita em fazê-lo. Após inúmeras tentativas e vários desenhos recusados pelo pequeno príncipe, o piloto acaba desenhando uma caixa. O príncipezinho enxerga o invisível, o carneiro tão desejado dentro da caixa. O pequeno é criança e como criança vê o elefante dentro da jiboia e o carneiro dentro da caixa, o que acaba surpreendendo o piloto que é adulto.

Como jamais houvesse desenhado um carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que sabia: o da jiboia fechada. E fiquei surpreso ao ouvi o garoto replicar:

— Não! Não! Eu não quero um elefante numa jiboia. A jiboia é perigosa e o elefante toma muito espaço. Tudo é pequeno onde eu moro. Preciso é de um carneiro.

Desenha-me um carneiro.

Então eu desenhei.

Ele olhou atentamente e disse:

— Não! Esse já está muito doente. Desenha outro.

Desenhei de novo.

Meu amigo sorriu paciente:

— Bem vêes que isso não é um carneiro.

É um bode... Olha os chifres...

Fiz mais uma vez o desenho.

Mas ele foi recusado como os anteriores:

— Esse aí é muito velho. Quero um carneiro que viva muito tempo.

Então, perdendo a paciência, e como tinha pressa em desmontar o motor, rabisquei o seguinte desenho.

E arrisquei:

— Esta é a caixa. O carneiro que queres está aí dentro.

E fiquei surpreso ao ver iluminar-se a face do meu pequeno juiz:

— Era assim mesmo que eu queria! (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 14)

No capítulo III o pequenino dá indícios de sua origem interplanetária. Fica clara a diferença das “viagens” realizadas, o piloto fez uma viagem limitada que ocasionou em uma pane no deserto; uma viagem tangível. A do príncipezinho é extraordinária, é essa viagem que o leitor vai se maravilhar ao participar.

— Que coisa é aquela?

— Não é uma coisa. Aquilo voa. É um avião. O meu avião.

Eu estava orgulhoso de lhe dizer que eu voava.

Então ele perguntou meio assustado:

— Como? Tu caíste do céu?

— Sim — respondi humildemente

— Ah! Isso é engraçado!

E o pequeno príncipe deu uma bela risada, que me irritou profundamente. Gosto que levem sério as minhas desgraças. Em seguida, acrescentou:

— Então tu também vens do céu! De que planeta tu és? Vislumbrei um clarão no mistério da sua origem [...] (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 15)

Conta o narrador no capítulo IV, sobre um astrônomo, o astrônomo turco, que fez uma grande descoberta e foi desprestigiado porque se vestia com trajes diferentes, exóticos sob os conceitos e olhares europeus. Só após se vestir usando trajes formais que se enquadravam nos padrões europeus teve o devido reconhecimento. Verdadeiramente o astrônomo turco foi desacreditado do seu conhecimento, por ter sido julgado por sua aparência, por seus trajes e pelo público que foi incapaz de enxergar além deles.

Ele fizera, na época, uma grande demonstração da sua descoberta, num congresso internacional de astronomia. Mas ninguém lhe dera crédito, por causa das roupas típicas que usava. As pessoas grandes são assim. Felizmente para a reputação do asteroide B612, um ditador turco obrigou o povo, sob pena de morte, a vestir-se à moda europeia. O astrônomo repetiu sua demonstração em 1920, vestido numa elegante casaca então, dessa vez, todo mundo acreditou. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 19)

No capítulo V, o príncipezinho exprime sua aflição, causada pelos baobás, que pelo seu porte gigantesco, podem destruir seu pequeno planeta, o pequeno príncipe ressalta da semelhança das sementes de baobás e de arbustos mas, adverte que o perigo está nas sementes dos baobás.

Consequentemente o mal pode ser invisível, é o que acontece com as sementes quando estão na terra, mas quando começam a crescer e trata-se de uma semente ruim é necessário não se acomodar e ser preguiçoso no momento de cortá-la até sua raiz.

De fato no planeta do pequeno príncipe havia, como em todos os outros planetas, ervas boas e más. Consequentemente, sementes boas, de ervas boas; e sementes más de ervas más. Mas as sementes são invisíveis. Elas dormem nas entranhas da terra até que uma cisme de despertar. Então ela se espreguiça e lança timidamente, para o sol, um inofensivo galinho. Se for roseira ou rabanete, podemos deixar que cresça à vontade, mas quando percebemos que se trata de uma planta ruim, é preciso que a arranquemos imediatamente. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 22)

Percebemos até então que O Pequeno Príncipe trata-se de um livro cheio de metáforas. É nessa primeira parte da obra que floresce a ideia inicial: a de que é preciso "procurar com o coração" para compreender que o "essencial é invisível" seja jiboia dentro do elefante, o carneirinho dentro da caixa, o conhecimento do astrônomo turco, ou o perigo nas sementes dos baobás.

Nos capítulos VI, VII, VIII, IX lemos a relação de proximidade entre o personagem e o narrador, que começam a se conhecer e aprendem um com o outro ao mesmo tempo, de forma mútua. É narrada também a continuidade, do conflito amoroso entre o pequeno príncipe e sua rosa, esse é o principal motivo para sua partida e, consequentemente para sua viagem no universo.

É no capítulo VI que o pequeno príncipe mostra sua tristeza de forma branda ao dizer que chegou a assistir 44 vezes o pôr do sol. O príncipezinho estava triste, a melancolia o circundava.

— Um dia eu vi o sol se pôr quarenta e quatro vezes!
E logo depois acrescentaste:
— Quando a gente está muito triste, gosta de admirar o pôr do sol...
— Estavas tão triste assim no dia em que completaste os quarenta e quatro?
Mas o príncipezinho não respondeu. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 27)

No capítulo VII, ocorre um desentendimento entre o pequeno príncipe o piloto. Parece que o piloto toca em um assunto delicado da para o príncipezinho, ele designa todas as flores como "maldosas". O pequenino chora, o que revela a importância que ele, sem saber, dava a sua rosa.

— Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para fazê-lo feliz quando a contempla. Ele pensa: "Minha flor está lá em algum lugar..." Mas se o carneiro come a flor, para ele é como se todas as estrelas repentinamente se apagassem! E isso não tem importância! (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 30)

Ao longo da narrativa e com os diálogos, a rosa mostra-se como caprichosa, e como todos os seres, imperfeita. É no VIII capítulo que o pequeno príncipe se desaponta com sua rosa, já que ela lhe conta algumas pequenas mentiras. Mas para o príncipezinho foi uma grande decepção, apesar disto sente sua falta.

— Não soube compreender coisa alguma! Deveria tê-la julgado por seus atos, não pelas palavras. Ela exalava perfume que me alegrava... Não podia jamais tê-la abandonado. Deveria ter percebido sua ternura por trás daquelas tolas mentiras. As flores são tão contraditórias! Mas eu era jovem demais para saber amá-la. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 33)

É no capítulo IX que o príncipezinho decide partir. A tristeza é mútua e ambos choram, neste capítulo há a consolidação da separação, e o pequeno parte para descobrir um mundo que não fora o seu. Em busca de novos conhecimentos e experiências.

Mas todos esses trabalhos rotineiros lhe pareceram, naquela manhã, extremamente agradáveis. E, quando regou pela última vez a flor e se preparava para colocá-la sob a redoma, percebeu que tinha vontade de chorar.

— Adeus — disse ele à flor.

Mas a flor não respondeu.

— Adeus — repetiu ele.

A flor tossiu. Mas não era por causa do resfriado.

— Eu fui tola — disse finalmente. — Peço-te perdão. Procura ser feliz.

A ausência de censuras o surpreendeu. Ficou parado, completamente sem jeito, com a redoma nas mãos. Não conseguia compreender aquela delicadeza. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 34)

Do capítulo VI ao IX, vemos que foi a decepção com sua rosa que impulsionou o pequeno príncipe a viajar e buscar novos mundos. Sua motivação para a viagem e para as novas descobertas. Em primeiro plano, o príncipezinho se encanta com a beleza da rosa ("Como és bonita!" p. 31), mas logo percebe que é muito vaidosa e cheia de caprichos: "E o príncipezinho atormentado, tendo ido buscar um regador com água fresca molhou a flor." (p. 31), "É bem complicada essa flor" (p. 32). O tormento infundável: "Assim, o príncipezinho, apesar da sinceridade do seu amor, logo

começava a duvidar dela." (pag. 33).

Esses fragmentos nos dão a dimensão de quanto a rosa deixava o pequeno herói irritado por ter que atender seus caprichos: "Horror das correntes de ar..." e "À noite me colocaras sob uma redoma de vidro." (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 32). A rosa que sem esperar nasceu exuberante em seu pequeno planeta, perfumando-a, entretanto era muito vaidosa e ele não a soube compreender.

Com isso, seu desentendimento com sua rosa foi o principal motivo para sua jornada interplanetária. Essa viagem se consolidará também conhecer a si próprio, que simboliza muito provavelmente o auto conhecimento do próprio narrador piloto, pela criança que busca em si mesmo, procurando ter uma melhor ótica do mundo e da vida.

A viagem do pequeno herói é longa, durou um ano, e muito cansativa para o príncipezinho. Contudo a narrativa foi produzida em capítulos curtos. Nos capítulos X, XI XII, XIII, XIV e XV ler-se da experiência da estada do pequeno príncipe em planetas distintos e do seu encontro com personagens com características particulares. Do capítulo XVI em diante ele chegará ao planeta terra, o sétimo e último planeta visitado e onde ele passa mais tempo, antes de voltar ao lar.

É perceptível que a primeira fase de sua viagem é a mais difícil visto que ele se depara com "gente grande". "As pessoas grandes são muito esquisitas", pensava o pequeno príncipe durante a viagem." (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 41). O príncipezinho passará por seis planetas: em cada uma deles terá apenas um habitante, que vivência situações incomuns e absurdas.

No capítulo X o príncipezinho se depara com o rei, rei que não reinava sobre nenhum súdito, pois seu planeta está vazio. Podemos nomear este mundo como o planeta da autoridade e do poder absoluto. O rei é apresentado ao leitor como uma figura desproporcional seu planeta é muito pequeno e o rei sentado em trono vestido com um manto de arminho, que cobre a maior parte do seu pequeno planeta, seu manto lembra os mantos usados pelos reis medievos. Sua autoridade absoluta é vazia, não possui sentido.

— Posso sentar-me? — Perguntou timidamente o príncipezinho.

—Eu te ordeno que te sentes — respondeu-lhe o rei, que puxou majestosamente um pedaço do manto de arminho.

Mas o pequeno príncipe estava espantado. O planeta era minúsculo. Sobre quem reinava o rei?

— Majestade... eu vos peço perdão por ousar interroga-vos...

- Eu te ordeno que me interrogues — a apresentou-se o rei a dizer.
- Majestade... sobre quem reinas?
- Sobre tudo — respondeu o rei, com uma grande simplicidade
- Sobre tudo?
- O rei com o gesto simples, indicou seu planeta outros planetas, e também as estrelas.
- sobre tudo isso?
- sobre tudo isso... respondeu o rei. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 38, 39)

É no capítulo XI que o pequeno príncipe encontra-se com o vaidoso. Como todos os vaidosos deseja ser admirado, mas ninguém o admira, já que seu planeta está vazio. Intitularemos este planeta como do orgulho e da vaidade cega. O planeta é ilustrado como se fosse um pedestal, com um lugar de destaque, onde acima está o vaidoso, o sol está a sua retaguarda simbolizando sua atração pelos holofotes. O príncipezinho logo cansou de admirar o vaidoso e partiu.

- Após cinco minutos de exercícios, o príncipezinho cansou-se com a monotonia daquele jogo:
- E para o chapéu cair — perguntou ele —, que é preciso fazer?
- Mas o vaidoso não ouviu. Os vaidosos só ouvem os elogios.
- Não é verdade que me admiras muito? — perguntou ele ao pequeno príncipe.
- Que quer dizer "admirar"?
- "admirar" significa reconhecer que eu sou o homem mais belo, mais bem-vestido, mais rico e mais inteligente de todo o planeta.
- Mas só tu moras no teu planeta!
- Dá-me esse prazer. Admira-me assim mesmo! [...]
- E o pequeno príncipe foi-se embora. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 43,44)

O terceiro planeta que o pequeno príncipe visita é o que reside o bêbado, a personificação do vício. Esta visita foi rápida, mas deixou o pequeno herói entristecido, pois o bêbado estava submerso em seu vício apesar de se envergonhar por este hábito.

- O planeta seguinte era habitado por um bêbado. Esta visita foi muito curta, mas mergulhou o príncipezinho numa profunda melancolia.
- Que fazes aí? perguntou ao bêbado, silenciosamente instalado diante de uma coleção de garrafas vazias e uma coleção de garrafas cheias.
- Eu bebo, respondeu o bêbado, com ar lúgubre.
- Por que é que bebes? perguntou-lhe o príncipezinho.
- Para esquecer, respondeu o bebedor.
- Esquecer o quê? indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena.
- Esquecer que eu tenho vergonha, confessou o bêbado, baixando a cabeça. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. P. 44 e 45)

No capítulo XIII, o pequeno príncipe visita o planeta da ambição e da ganancia, o nomeamos assim já que seu único morador é o homem de negócios, que conta as estrelas e diz que é dono delas e as coloca em um banco, mas seu planeta é ilustrado vazio, assim seus bens de nada servem. Sua figura é imponente e robusta, representa força. ele só tem tempo para seus cálculos e não admite ser interrompido.

— Eu as administro. Eu as conto e reconto, disse o homem de negócios. É difícil.
 Mas eu sou um homem sério!
 O príncipezinho ainda não estava satisfeito.
 — Eu, se possuo um lenço, posso colocá-lo em torno do pescoço e levá-lo comigo.
 Se possuo uma flor, posso colher a flor e levá-la comigo. Mas tu não podes colher as estrelas.
 — Não. Mas eu posso colocá-las no banco.
 — Que quer dizer isto?
 — Isso quer dizer que eu escrevo num papelzinho o numero das minhas estrelas.
 Depois tranco o papel a chave numa gaveta.
 — Só isto?
 — E basta..
 É divertido, pensou o príncipezinho. É bastante poético. Mas não é muito sério.
 O príncipezinho tinha, sobre as coisas sérias, idéias muito diversas das idéias das pessoas grandes. SAINT-EXUPÉRY. 2015. (p. 48)

O quinto planeta (capítulo XIV) era muito curioso e o menor de todos os seis visitados. O nomeamos como o da obediência e submissão cega, da automação. E o planeta do acendedor de lampião seu planeta era tão minúsculo que só tinha espaço para o lampião. o acendedor execução uma tarefa que tem uma utilidade, mas ele é o único habitante do seu planeta, está sozinho, e se submete a obedecer cegamente a uma norma que o torna um autônomo, o personagem é ilustrado com olhos soltados, cabelos despenteados, pela correria que lhe é imposta por sua tarefa.

— Talvez esse homem seja mesmo absurdo. No entanto, é menos absurdo que o rei, que o vaidoso, que o homem de negócios, que o beberrão. Seu trabalho ao menos tem um sentido. Quando acende o lampião, é como se fizesse nascer mais uma estrela, mais uma flor. Quando o apaga, porém, é estrela ou flor que adormecem. É uma ocupação bonita. E é útil, porque é bonita. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 49)

O sexto planeta (capítulo XV) a ser visitado pelo pequeno príncipe, habita o geógrafo, ele escreve livros sobre o que há de extraordinário no mundo, mas nunca as viu, está aprisionado ao comodismo de apenas registrar, sentado em sua

escrevinha o que os exploradores lhe informavam. Apesar desde planeta ser o maior de todos os seis visitados pelo pequeno príncipe, podemos nomeá-lo por sedentarismo, o geógrafo é ilustrado com expressões serena, com um grande livro. É representado na ilustração com cores escuras, que nos sugere que ele não compreende as "cores" do mundo, fica sentado esperando as experiências dos exploradores e apenas as registra ao invés de sentir o prazer de vivê-los, ele não conhecia o próprio planeta.

- Sou geógrafo, respondeu o velho.
- Que é um geógrafo? perguntou o príncipezinho.
- É um sábio que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos.
- É bem interessante, disse o príncipezinho. Eis, afinal, uma verdadeira profissão! E lançou um olhar, em torno de si, no planeta do geógrafo. Nunca havia visto planeta tão majestoso.
- O seu planeta é muito bonito. Haverá oceanos nele?
- Como hei de saber? disse o geógrafo.
- Ah! (O príncipezinho estava decepcionado.) e montanhas?
- Como hei de saber? disse o geógrafo.
- E cidades, e rios, e desertos?
- Como hei de saber? disse o geógrafo pela terceira vez.
- Mas o senhor é geógrafo
- É claro, disse o geógrafo; mas não sou explorador. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 53, 54)

Cada planeta que o príncipezinho visitou, ele se deparou com caricaturas que personificaram costumes: arrogância; vaidade; vício; ganância; submissão; e comodismo. As que personagens ele encontra se assemelham pela incoerência que existe em seus planetas, pois, que sentido há em um rei que não reina sobre ninguém sua autoridade se torna vazia; ou de que adianta a vaidade do vaidoso se não há quem o admire, torna-se inútil; o vício que traz exclusão e solidão além da autodestruição ao bêbado; e o homem de negócios que diz possuir e quantificar seres que não fazem sentido.

Todos esses personagens estão totalmente sozinhos e isolados em seus mundos, o que nos permitiu interpretar que cada planeta é o universo pessoal de cada ser e não uma localidade, nos quais estão presos e sem contato com o exterior, sem interação social. São solitários e não afetuosos assim, todos os costumes por eles personificados simbolizam males autodestrutíveis.

É importante ressaltar-nos que o pequeno príncipe enxerga utilidade e/ou beleza nas funções do acendedor de lampiões e do geógrafo, apesar de ter um exagero demasiado são os únicos que exercem uma função que não é focalizada apenas no “eu”. O geógrafo produz livros das grandes maravilhas que existem no mundo e podem ser lidos por quaisquer que queiram, mas está inteiramente focado em sua função acadêmica que perde o prazer de viajar e experimentar as maravilhas que descreve. Já o acendedor de lampiões embora tenha uma função “bonita e útil” transparece ser vítima de uma norma cruel que há muito tempo não é atualizada, assim, não lhe resta tempo para o prazer e o repouso. Ambos estão aprisionados por um sistema que os obriga a se isolarem e que impedem de se realizarem completamente.

O pequeno herói está em uma das partes mais difíceis da sua viagem, para não dizer a mais difícil. Até então ele não encontrou o motivo para sua existência, o príncipezinho precisa resistir a todos esses maus costumes e sair dos planetas, livrar-se das armadilhas de se tornar autoritário, vaidoso, bêbado, ganancioso, autônomo e/ou sedentário. É como se ele passasse por uma grande provação, que ele consegue vencer. E segue sua viagem.

O sétimo e último planeta visitado pelo pequeno príncipe é a terra (capítulo XVI) “A Terra não é um planeta qualquer!” (p. 58), a terra é associada há o número sete, um número emblemático, místico e mítico, o número sete também representa o tempo em que o mundo foi criado segundo o livro do gênesis contido na Bíblia Sagrada.

A terra é o planeta que o pequeno passou mais tempo, ao todo dez dos vinte sete capítulos que compõem a obra se passaram no planeta, dos capítulos XVI a XXI. Após um comentário um tanto exagerado e irônico do narrador feito no capítulo XVI, o leitor volta a acompanhar a viagem do pequeno príncipe.

No capítulo XVII, acontece o primeiro encontro no planeta terra, o pequeno príncipe encontra-se pela primeira vez com a serpente, é a segunda vez que uma serpente aparece na narrativa, depois da jiboia que engoliu o elefante. Isso posto, ela pressagia sua aptidão em ocasionar ao príncipe sua volta ao lar.

O príncipezinho olhou-a longamente.

— Tu és um bichinho engraçado, disse ele, fino como um dedo...

— Mas sou mais poderosa do que o dedo de um rei, disse a serpente.

O príncipezinho sorriu.

— Tu não és tão poderosa assim...não tens sequer umas patas ... não podes sequer viajar..

— Eu posso levar-te mais longe que um navio, disse a serpente.
Ela enrolou-se na perninha do príncipe, como um bracelete de ouro:
Aquele que eu toco, eu o devolvo à terra de onde veio, continuou a serpente.
Mas tu és puro. Tu vens de uma estrela ...
O príncipezinho não respondeu.
Tenho pena de ti, tão fraco, nessa Terra de granito.
Posso ajudar-te um dia, se tiveres muita saudade do teu planeta. Posso ...
(SAINT-EXUPÉRY. 2015. p.60)

A serpente mostra suas três aptidões a de a de transformar em pó os que a tocam, a de transportá-lo para “mais longe do que um navio” e a de decifrar os enigmas. Podemos lembra que na Bíblia Sagrada no livro do Gêneses, a serpente exerce o papel principal em induzir a morte no paraíso, no mundo ideal. Com isso reforça ainda mais que “O Pequeno Príncipe” é uma obra com vários símbolos mitológicos e milenares.

No capítulo XVIII o encontro se dá com a florzinha, ela fala ao príncipezinho sobre o despego dos homens e sua falta de raízes, ora a pequena flor reside no deserto podemos interpretar que os únicos homens que pode ver são os nômades, aqueles que não tem um lugar fixo para morar, ficam andando pelo deserto. Esse nomadismo nos dar a entender a falta de apego com as tradições e com o lar, a falta “das raízes”, bem como, sua vulnerabilidade, já que uma planta sem raiz pode ser arrancada facilmente do solo.

— Bom dia, disse o príncipe.
— Bom dia, disse a flor.
— Onde estão os homens? perguntou polidamente.
A flor, um dia, vira passar uma caravana:
— Os homens? Eu creio que existem seis ou sete. Vi-os há muitos anos. Mas não se pode nunca saber onde se encontram. O vento os leva. Eles não tem raízes. Eles não gostam das raízes. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p.62)

No capítulo XIX, o pequeno príncipe esta no topo de uma montanha, mas invés de poder enxergar toda a vida na terra, só há o eco. O pequeno príncipe está se sentindo solitário e, o eco só deu mais ênfase a esta solidão já que a frase repetida pelo eco era “estou só”...

— Sêde meus amigos, eu estou só, disse ele.
— Estou só ... estou só ... estou só, respondeu o eco.
Este planeta é todo seco, pontudo e salgado.
"Que planeta engraçado pensou então. É todo seco, pontudo e salgado. E os homens não têm imaginação. Repetem o que a gente diz ... No meu planeta eu tinha uma flor: -e era sempre ela que falava primeiro." (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 64)

Após uma longa caminhada o pequeno príncipe depara-se com um jardim repleto de rosas (capítulo XX), e se dá conta que sua rosa não é única, existem inúmeras rosas como a sua. É aí que a primeiro traço da ideia que só é possível diferenciar um ser do outro, mesmo que esses seres sejam idênticos, que é o caso da rosa, conhecendo o invisível, sua essência.

O príncipezinho contemplou-as. Eram todas iguais a sua flor.
 — Quem sois? perguntou ele estupefato.
 — Somos rosas, disseram as rosas.
 — Ah! exclamou o príncipezinho. .
 E ele sentiu-se extremamente infeliz. Sua flor lhe havia contado que ela era a única de sua espécie em todo o universo. E eis que havia cinco mil, igualzinhas, num só jardim! (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 64)

É no capítulo XXI que é revelado o grande segredo sobre o essencial, é pelo encontro com a raposa que nosso herói compreende o principal aprendizado e é através dele que o príncipe entenderá o sentido da sua vida passada, da presente e de toda sua viagem. Nas histórias milenares a raposa é conhecida como um símbolo de esperteza e astúcia, talvez por este motivo seja esse animal a mostrar para o pequeno príncipe o segredo que dará sentido a sua existência.

Exatamente, disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...
 — Começo a compreender, disse o príncipezinho. Existe uma flor. . . eu creio que ela me cativou ... (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 68)

Então, todas as aprendizagens e emoções dirigem-se para um ponto em comum, o essencial invisível aos olhos, que só com o coração se consegue enxergar. Esta é uma descoberta libertadora em *O Pequeno Príncipe*, é através da compreensão deste segredo que o nosso herói muda sua forma de agir e pensar. Ele ressignifica sua existência anterior como apropria-se do seu destino.

A essência intocável estaria então no amor e na amizade, e no sacrifício que eles destinam. A amizade se estabelece entre o príncipe e a raposa, mas é o que vem acontecendo também entre o avião e o príncipe desde o início da narrativa. Quando

existe amor entre duas pessoas, torna-se natural a necessidade de cultivar e se dedicar ao outro, assim torna-lo único, mesmo que seja igual a milhares.

Essa compreensão que o príncipezinho tem com a raposa, o faz entender o sentido da “sua rosa” que ela é única exatamente por tê-lo cativado, posteriormente é essa percepção que proporciona o pequeno príncipe a amar plenamente a rosa. Para isso é preciso que haja sacrifícios, de amar de forma responsável, é necessário dedicar-se um ao outro.

Há ainda no planeta terra dois encontros relevantes, para o pequeno herói, ele encontra-se com o manobreiro e o comerciante (capítulos XXII a XXIII), das quais as profissões, o farão aprender sobre os malefícios da automatização. O manobreiro acomoda os homens dentro de trens e estão sempre em um vai e vem:

— Bom dia, disse o príncipezinho.
 — Bom dia, respondeu o guarda-chaves.
 — Que fazes aqui? perguntou-lhe o príncipezinho.
 — Eu divido os passageiros em blocos de mil, disse o guarda-chaves. Despacho os trens que os carregam, ora para a direita, ora para a esquerda. E um rápido iluminado, roncando como um trovão, fez tremer a cabine do guardachaves.
 Eles estão com muita pressa, disse o príncipezinho. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 74)

Já o comerciante vende pílulas capazes de acabar com a sede, mas não proporcionam o prazer de ir até uma fonte. A pílula anula a satisfação de matar a sede se refrescando com água, e transforma esse ato em algo sem nenhum sentido.

— Bom dia, disse o príncipezinho.
 — Bom dia, disse o vendedor.
 Era um vendedor de pílulas aperfeiçoadas que aplacavam a sede. Toma-se uma por semana e não é mais preciso beber.
 — Por que vendes isso? perguntou o príncipezinho.
 — É uma grande economia de tempo, disse o vendedor. (SAINT-EXUPÉRY. 2015. p. 76)

No capítulo XXIV o piloto juntamente com o pequeno príncipe buscam um poço, um objetivo em comum, a fonte de vida, a água. No capítulo posterior (XXV) ambos encontram o poço e matam sua sede. O manobreiro agrupa os homens em máquinas que rugem, mas não levam a lugar nenhum. O vendedor de pílulas vende algo que anula o prazer apenas para economizar tempo, tudo está ligado com a movimentação e a correria dos humanos. Nos dá a entender que os homens estão se tornando cada

vez mais sedentários, que preferem engolir uma pílula à caminhar até uma fonte para saciar sua sede.

Contudo, a água é um bem preciosíssimo e deveria ser procurada como tal, afinal de contas é dela que surge a vida. Entretanto os homens estão correndo apressados para se locomover em trens que não levam a lugar algum e tomando pílulas para economizar seu tempo. Mas não sabem o que fazer com ele.

Nos capítulos seguintes, o pequeno príncipe e o piloto buscam um poço, uma “fonte da vida”, já que estavam oito dias no deserto quando a água acabara. Sem pílulas da sede ao alcance, se esforçam e caminha em busca do poço. E consegue achar uma fonte, o pequeno conclui que: “O que torna belo o deserto [...] é que ele esconde um poço em algum lugar”. (p. 78). A felicidade de beber água é renovadora, pois além de matar a sede ela enobrece o esforço da caminhada. E o pequeno príncipe afirma: “A água pode também ser boa para o coração...” (p. 76).’

O capítulo mais longo do livro é dedicado ao retorno do pequeno príncipe ao fim de sua viagem, no capítulo XXVI chega o momento em que o pequeno consente a proposta da serpente para abandonar sua casca e assim, retornar ao seu planeta. Esta maneira de retornar as origens não é retratada na obra como indolor, ela representa a morte física, mas no contexto da obra podemos interpretar como um “rito de passagem”. É através dele que o pequeno príncipe retorna para seu planeta.

No capítulo posterior o piloto é encontrado por seus companheiros (capítulo XVII). O narrador expressa a melancolia que traz a ausência daquele menino dos cabelos cor de ouro. Refere-se, com certeza, da ruptura da criança interior, que normalmente a gente grande esquece de relacionar-se, mas todas elas a trazem dentro de si. Assim, a obra nos mostra que necessitamos voltar a ser criança para enxergar com o coração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos a literatura infantil teve sua gênese com as adaptações de Charles Perrault. Esses contos oriundos da tradição oral eram relativamente diferentes das narrativas recontadas que conhecemos. Foi através das adaptações feitas por Perrault que crianças de todo o mundo puderam ter contato com essas narrativas.

No Brasil, Monteiro Lobato traz contribuições notáveis para a literatura infantil nacional. Ele cria uma literatura que privilegia a cultura nacional, sua obra estimula o leitor a construir conceitos próprios, fugindo de interpretações estabelecidas como verdades únicas. Através das contribuições de Lobato, vimos as distinções da literatura infantil tradicional e a moderna.

Entendemos também a importância da adaptação dos textos para cada fase da aprendizagem infantil, proporcionando assim aos pequenos leitores, um convívio efetivo com a literatura. Além das características fundamentais para a composição de um texto direcionado ao público infantil e juvenil.

Nosso trabalho objetivou analisar reflexivamente a obra "O Pequeno Príncipe", focando em suas lições e na viagem humanizadora realizada pelo personagem principal. Portanto, é pela obra prima de Antoine de Saint-Exupéry, que o leitor mirim é convidado a uma aprendizagem de valores significativa, a viver novas experiências, e enxergar por uma nova ótica o mundo que o rodeia.

Assim, as aprendizagens humanizadoras vivenciadas pelo pequeno príncipe em sua viagem extraordinária possibilitaram ao personagem aprendizados sobre os valores essenciais para entender o sentido da vida. O pequeno príncipe passa por seis planetas, antes de chegar a terra.

É nos seis planetas que o personagem é desafiado a resistir aos costumes autodestrutivos e tornar-se semelhante aos seus habitantes, o autoritarismo do Rei, a vaidade do Vaidoso, o vício do Bêbado, a ganancia do Homem de negócios, a obediência cega do Acendedor de lâmpadas, e o sedentarismo do Geógrafo. É no planeta terra que o pequeno príncipe encontra o que almejava com a sua viagem, ele descobre o segredo dará sentido a sua existências.

REFERÊNCIAS

CADERMATORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria Análise Didática**. – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1999.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. – 51. ed. – Rio de Janeiro: Agir, 2015.